2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 42. QUINTA FEIRA, 25 DE JULHO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AS FABRICAS DA COVILHÃ E O CONTRABANDO.

II (*)

366 Está prefazendo seis mezes, que o poderoso centro fabril da Covilhã fez conhecer ao Governo o perigo imminente, em que o descarado e repetido contrabando estava pondo uma grande parte da fortuna publica.

Ás reclamações da respeitavel Associação Fabril Covilhanense, se juntaram as da Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Na imprensa, a causa do commercio licito foi defendida como convinha.

Tendo o negocio sido dirigido pelo Ministerio do Reino, por este Ministerio baixou uma portaria, ordenando que a mesma Associação propozesse os alvitres, que julgava proprios para evitar os prejuizos que o contrabando causa á industria dos lanificios.

Foi satisfeita immediatamente a Portaria, e a Direcção da Associação propoz o que para tal fim lhe parecia conveniente.

Nesta altura o negocio parou, sem motivo, sem resposta, nem causal que podesse justificar tão incrivel facto.

Estes factos chegando indirectamente ao conhecimento do Ministerio da Fazenda, por este Ministerio se expediram ordens, que foram publicadas, para activar a fiscalisação até com o auxilio da força armada. Estas ordens honram o Ministro, porque, promovendo o interesse fiscal, deu consideração aos clamores da Associação, e attendeu ás solicitações da imprensa. Mas este facto, se é muito em relação a um Ministerio, não é nada em relação ao Governo, considerando a questão na altura em que estava.

Não consta que até hoje este negocio fosse, pelo Ministerio do Reino, communicado ao da Fazenda. Parece jazer esquecido em lethargica pasta, e sem esperança de se resolver.

(*) Vide pag. 20 e 21 do presente volume.

Varias vezes temos noticiado o descontentamento que em todo o districto fabril tem causado, o não se haver dado a prova de consideração de uma resposta, fosse qual fosse, á ultima representação da Associação que representa esses interesses.

Ao presente esse descontentamento chega ao maior auge.

Todas as cartas chegadas a Lisboa se admiram e se queixam de tão incrivel silencio.

Por interesse publico, e seu, o Governo não póde deixar de olhar com urgencia para esta situação. Já o dissemos, se quer habilitar-se para resolver o negocio, tracte de nomear uma commissão de homens competentes, mas não deixe prolongar este estado de desgosto e de desalento, que lavra por entre uns poucos de mil homens, e que se refere a um capital de mais de um milhão de crusados.

É do nosso dever defender sempre, e por todos os modos, a causa da industria.

Por esse motivo, escrevemos estas linhas, esperando com ellas acalmar os animos, que justificadamente se tem excitado, e promover qualquer solução que nos evite o desgosto de voltarmos ao assumpto.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CHRONICA INDUSTRIAL.

367 As Camaras fecharam-se deixando por decidir dois assumptos, que o commercio e as fabricas reclamam com a maior anciedade. Em ambos, as garras do fisco desfizeram duas grandes providencias que poderiam acreditar o governo, e com especialidade o Sr. Ministro da Fazenda. Um estava comprehendido em uma propria proposta do Governo — e era o acabamento das inuteis e incommodas fianças, que vexam o commercio, só em proveito do cofre dos emolumentos, defendido pelos interessados quasi com espadas desembainhadas.

Sempre que o Governo não vir nos negocios senão o que se avista de cima deste cofre, ha de parecer miope ante o paiz.

É mister vêr as questões de mais alto, de ponto onde o interesse individual não desfigure o interesse geral. A conversão desta proposta em lei seria uma

das providencias que o corpo do commercio acceitaria com mais reconhecimento.

Por este motivo, o seu addiamento causou desgosto e sentimento estranho, ácerca do modo como os verdadeiros interesses publicos se comprehendem e se attendem.

A outra providencia, que sem justo motivo, ficou addiada, foi o projecto para a restituição do direito dos algodões reexportados depois de estampados.

O fisco, inhabil para ministrar os esclarecimentos que lhe eram pedidos, avançou opiniões que, sem replica, lhe foram provadas falsas, e tendo perdido assim toda a auctoridade moral, para que o seu conselho tivesse valor, ainda não sabemos por que singular acaso, pôde alcançar, por taes meios, que um negocio, que era claro e simples, ficasse esquecido com prejuizo de um ramo importante da nossa industria fabril.

Felizmente a caveira que pousou sobre estes papeis de interesse publico, não teve peso bastante para inutilisar os que se referiam ao negocio da fabrica de Alemquer.

Pelo lado do Governo, o negocio está perfeitamente resolvido com a sua proposta, que as Camaras converteram em lei.

É para louvar que o Sr. Ministro da Fazenda comprehendesse a responsabilidade, que havia em demorar a solução de um negocio, em que se podia julgar interessado um dos membros do Gabinete.

Na ultima sessão do Conselho Director da Sociedade Promotora da Industria Nacional, o Redactor da REVISTA, como vogal da Commissão, para a exposição de Londres, fez constar que se julgava auctorisado para informar o Conselho, em quanto officialmento o não era, que o Governo se prestava a auxiliar a Sociedade nos pontos sobre os quaes o seu auxilio tinha sido pedido. Esta communicação foi recebida com viva satisfação, e em virtude della, os membros da referida Commissão, que todos estavam presentes, declararam — que desde este dia se julgavam habilitados para regularmente continuarem os seus trabalhos.

É de esperar que em tudo quanto se refere a este importante assumpto, o Governo continue a prestar o seu apoio aos optimos desejos da Sociedade.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

368 Sendo a instrucção publica uma das mais solidas bases, sobre que assenta o verdadeiro desenvolvimento dos interesses industriaes e agricolas do paiz, deve ser um dos pontos que mais deve merecer a nossa attenção. Não nos tem sido possivel satisfazer, como era nosso desejo, a este rigoroso dever, mas o estudo que a este respeito temos feito, parece-nos que nos habilitará para que, no proximo volume, a este assumpto dediquemos com alguma regularidade uma parte do nosso jornal.

Folgamos de vêr como a *Nação*, em o seu n.º de 22 do corrente, deu o devido valor ao importante trabalho, que, sobre a instrucção publica de um concelho, estampou o Sr. Gusmão, nosso distincto collaborador, em o ultimo n.º da REVISTA. Como diz a *Nação*, o trabalho do Sr. Gusmão é um excellente modêlo, e nem o Governo o deve vêr com indifferença.

Concordamos com tudo quanto a *Nação* diz sobre o ponto e honramo-nos de ter ao nosso lado, em questão de tão alto interesse, uma redacção tão distincta e instruida.

Em quanto o tempo nos não permitte desempenhar as nossas promessas, recommendamos a leitura do referido artigo da *Nação*, ácerca da instrucção primaria, o qual se encontra em o seu n.º 840.

COMMERCIO DE VINHOS PORTUGUEZES.

369 O *Periodico dos Pobres* vae publicando a extensa circular do corretor de vinhos de Londres, Clark, datada de 5 do corrente Julho, e a qualifica de merecedora de muito conceito no mundo commercial, pela exactidão dos factos, riqueza de dados e justa apreciação do estado daquelle ramo de commercio em Inglatera.

Achámos, sobretudo, interessante a parte que se refere aos nossos vinhos, e como tal daremos alguns extractos, limitando-nos mais especialmente aos dados estatisticos, que nos importa conhecer, e não entrando nas considerações que os acompanham, visto que não estamos, por ora, habilitados para as confirmar ou rebater.

Vinhos de Portugal.

Importação. — A importação dos vinhos de Portuga (tintos e brancos) no Reino-Unido no anno de 1849, subiu a 3.004,043 galões, o que, comparado com a importação de 1848, dá um augmento de 120,147 galões.

Pela lista official portugueza a quantidade embarcada do Porto para esse paiz, consta ter sido de 24,625 pipas, o que dá um augmento, comparado com a lista do embarque de 1848, de 2,153 pipas; ao que devem accrescentar-se os carregamentos indirectos para este paiz da America (cujo caminho foi abertamente adoptado por algumas casas na ultima parte do anno passado) estimados em umas 800 pipas.

Entregas — As entregas dos depositos em franquia para o consumo interno foram em 1849 de 2.648,242 galões, o que dá um augmento, comparado com 1848, de 201,429 galões.

As entregas para a exportação de 1849 foram de 391,657 galões, o que dá um augmento, comparado com 1848, de 43,064 galões: do respectivo mappa se conhece que a exportação deste artigo mostra um augmento progressivo durante os ultimos 5 annos.

Deposito em franquia. — O deposito no Reino-Unido em 5 de Janeiro de 1850 era de 3.874,481 galões, igual a 33,691 pipas, o que dá uma diminuição, comparado com o deposito em 5 de Janeiro de 1849, de 171,461 galões ou 1,490 pipas. Neste se inclue o deposito de Londres, que consistia em 2.228,250 galões, o que dá um augmento, comparado com o anno antecedente, de 45,519 galões, o das provincias sendo de 1.646,231 galões, o qual dá uma diminuição de 125,912 galões. A progressiva diminuição no deposito do vinho de Portugal no Reino-Unido desde 1844,

como referimos, em nossa ultima circular annual, subindo agora collectivamente a 11,573 pipas, é um facto mui importante combinado com a diminuição do deposito no Porto.

O deposito em Londres em 30 do mez passado era de 20,073 pipas.

Novidade do vinho do Porto. — Os vinhos de 1849, pela concorrencia universal de opiniões, tem sido classificado como *maus*, e seriamente diminutos em quantidade — a prova disto acha-se nos subidos preços da aguardente, que ainda continuam a augmentar. Apezar da inferior qualidade do de 1849, bem como do de 1848, ouvimos que se fizeram compras d'ambas as novidades. É possivel, pelo systema das lotações, que uma porção deste se destinasse a este fim mui commum; porém tendo-se-lhe misturado em certa porção é em nosso pensar uma prova de que os depositos do bom vinho commum em Portugal estão muito abaixo da sua justa qualidade. É muito cedo para formar uma opinião do prospecto da futura novidade de 1850, mas as ultimas noticias são de que, bem que o tempo lhe ha sido favoravel, com tudo a quantidade será moderada em consequencia de haver soffrido anteriormente com a geada.

É difficil o anticipar o prospecto do mercado do vinho do Porto aqui, tanto mais que pela actual posição peculiar do mercado em Portugal, os seus preços em o nosso paiz estão mais do que ordinariamente sujeitos a serem affectados pelo que possa occorrer naquelle paiz. Não póde haver duvida de que os preços dos vinhos, em Portugal, subiram consideravelmente; os baixos e finos subiram muito, mas as classes intermedias tiveram menos alteração. Procurando as causas desta subida, póde attribuir-se em parte á qualidade inferior das novidades de 1848 e 1849, e tambem á diminuta producção do ultimo anno; mas a principal causa póde explicar-se pelas medidas arbitrarias e restrictivas adoptadas pelo governo mediante a companhia geral dos vinhos do Alto Doiro. Para habilitar a generalidade dos nossos leitores a entenderem este facto, juntamos os seguintes mappas:

Producção e qualificação das novidades do Doiro nos seguintes annos.

ANNOS.	1.ª	2.ª	3.ª	REFUGO.	TOTAL.	SEPARADO.	HABILITADO EM 1.ª
	Pipas.	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*
1843	18,002	15,714	17,166	21,580	72,462	6,002	12,000
1844	21,338	12,754	15,643	16,931	66,666	7,338	14,000
1845	6,585	10,162	16,127	28,332	61,206	1,585	5,000
1846	35,801	18,101½	29,384½	19,471	102,758	15,801	20,000
1847	38,214½	18,708½	24,448	10,356½	91,727½	20,214	18,000
1848	25,721	21,843½	36,998½	22,552¾	107,115¾	18,721	7,000
1849	12,450	10,909	14,239½	30,030	67,628½	5,450	7,000
	158,111½	108,192½	154,006½	149,253¼	569,563¾	75,111½	83,000

Depositos de vinhos, agua-ardente e geropiga, no 1.º de Janeiro de cada dm nos seguintes annos, excepto no de 1843, no qual a existencia foi tomada no Outono d'esse anno.

ANNOS.	1.ª	2.ª	AGUA-ARDENTE.	GEROPIGA 1.ª E 2.ª	TOTAL.
	Pipas.	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*	*Pipas.*
1843.....	158,077	1,418	8,714	2,957	171,166
1844.....	137,121	6,677	6,562	2,233	152,593
1845.....	133,315	6,041	6,620	2,073	148,049
1846.....	128.554	5,849	4,233	2,093	140,729
1847.....	114,287	8,555	2,807	2,309	127,958
1848.....	107,745	5,534	2,405	3,201	119,887
1849.....	104,944	13,592	2,700	1,904	123,141
1850.....	82,964	14,491	3,703	2,144	103,303

INFLUENCIA DA ÉPOCHA DAS COLHEITAS.

370 A épocha da ceifa dos fenos, cereaes, e mesmo de outros vegetaes, influe consideravelmente no pezo e na qualidade dos productos. É coisa geralmente sabida, que os rabanetes deixados na terra por muito tempo tornam-se duros e lenhosos, que o talo tenro das couves novas, bem como dos nabos turnepos, soffre similhante alteração á medida que a planta tem mais dias, e que as alcachofaras que ficam muito tempo na haste fazem-se encorreadas e perdem o sabor. A mesma mudança se effectua nas plantas de forragem, que são ceifadas para feno.

As folhas e talos das hervas tenras contém grande quantidade de assucar, e á proporção que crescem, aquelle assucar transforma-se em amido, depois em fibra lignosa. Quanto mais completamente se opéra esta ultima alteração, isto é, quanto mais se approxima a planta da sua inteira madureza, menos assucar e amido encerra, substancias que são ambas facilmente soluveis; por quanto, posto que se haja verificado que não é impossivel digerir a fibra lignosa, antes (por exemplo) a vacca póde assimilar uma parte della á medida que a herva que consumiu percorre os orgãos digestivos, o leitor bem perceberá que as diversas porções do sustento do animal que se dissolvem com mais facilidade são, em paridade de circumstancias, as que o nutrem mais.

Está egualmente verificado que o pezo do feno e

da palha que se corta é menos consideravel quando se deixam amadurecer completamente; por consequencia, ceifando pouco depois da planta ter chegado á maior altura, obter-se-ha maior quantidade de feno, a sua qualidade será melhor, e a terra ficará menos exhausta.

As mesmas reflexões se applicam á colheita dos cereaes, tanto pelo que respeita á palha como ao grão. Estando a seara verde, a palha tem mais pezo e é mais nutriente. Perto de tres semanas antes da completa madureza, a palha começa a diminuir de pezo, e quanto mais tempo fica de pé depois daquella épocha tanto mais leve se torna e de menos nutrição.

Por outra parte, a espiga que um mez antes da sua madureza é branda e lactea, endurece pouco a pouco, o assucar transforma-se em amido, o leite condensa-se e fórma o gluten e a albumina que se acham na farinha. Logo que esta transformação se tem effectuado, isto é obra de quinze dias antes da maturidade, o grão contém a mais forte porção de amido e de gluten. Fazendo-se então a ceifa o grão será mais pezado; dará maior quantidade de farinha fina e proporcionalmente menos farelo. Nessa épocha a pelle ou casca que cobre o grão é delgada, e por isso dá pouco farelo: mas se ficar a seara em pé por muito tempo, terá logar o segundo periodo da maturidade, o grão se revestirá de uma casca mais dura e mais espessa; parte do amido se transformará em fibra lignosa, exactamente como no caso da maturação do feno. Por esta mudança a proporção do amido diminue e o pezo da casca augmenta, do que resulta menos farinha e mais farelo.

A theoria e a experiencia combinam-se para fixar a épocha mais propicia á colheita dos cereaes nos quinze dias anteriores á completa madureza.

A aveia é reputada de melhor qualidade, sendo cortada antes de perfeitamente madura, e quando ainda appresenta uma sombra esverdeada; mas cumpre advertir que não convém ceifal-a mais cedo do que uma semana antes da completa madureza, porque se perderia grão.

A cevada colhida ainda tenra tem a casca mais delgada, germina mais rapida e vigorosamente, pelo que é preferida para as fabricas de cerveja.

CONTRABANDO DE CEREAES.

São de tanta auctoridade e consideração as ponderações, que, ácerca do contrabando de cereaes, nos communica um dos nossos mais respeitaveis correspondentes, o Sr. Henrique José Ferreira Lima, que sobre ellas chamamos a mais séria attenção das respectivas auctoridades.

371 O maior mal que soffre hoje a nossa agricultura de cereaes provém do contrabando que delles se faz — e este é tamanho e tão escandaloso nesta Provincia, que por si só é capaz de arruinar completamente os lavradores. São dois os portos por onde os cereaes se introduzem — pela raia, e pelo Douro: por aquelle ponto a introducção era e é já muito antiga, e apesar della os nossos cereaes tinham sahida — mas pelo Douro é nova como já dissemos no n.° 32 da REVISTA, e é a que mais nos tem arruinado, porque a decadencia dos nossos cereaes data desde que se deu execução ao fatal tratado da navegação deste rio. As ferteis campinas de Hispanha estão continuamente arrojando para Portugal, pelo rio Douro, milhares de moios de cereaes de todas as qualidades que escandalosamente passam pelos portos fiscaes, e que se vão vender nas duas margens do rio e no Porto como de colheita nacional.

O mal é muito grande e traz comsigo a ruina completa da nossa agricultura, e por isso não cessaremos de pedir ao Governo que tome medidas promptas e energicas para acabar com este trafico. Agora vamos dizer tambem duas palavras sobre o modo porque o contrabando se faz pela raia.

A lei de 14 de Setembro de 1837 prohibiu a importação de cereaes estrangeiros — e ordenou que os proprietarios e lavradores que residissem ou colhessem cereaes a cinco leguas dentro da raia ou fronteira de Hispanha fossem obrigados a manifestal-os, e que quando o quizessem conduzir para o interior tirassem guias: em 31 de Março de 1841, pelo Ministerio do Reino deram-se instrucções e modêlos para se levarem a effeito as disposições daquella Lei. Que acontece porém? É ser a Lei sofismada, e fazer-se a introducção de cereaes hispanhoes com toda a segurança, e a sua exposição á venda sem o menor perigo; eis-aqui como: os manifestos são feitos pela maior parte perante os Regedores de Parochia — e os manifestantes que se empregam, ou tencionam empregar na introducção de cereaes manifestam, como colhidas por elles, quantidades immensas, e de que depois vão tirando guias á proporção que os querem trazer aos mercados. Todos sabem como é a nossa raia aberta e quão difficultoso é ao pequeno numero de Guardas das Alfandegas vigial-a n'umas poncas de leguas que tem de extensão, assim toda a difficuldade da introducção estava na exactidão dos manifestos, e na difficuldade de se passarem guias aos cereaes não manifestados. Era preciso obrigar todos os lavradores (os de cinco leguas dentro da fronteira) a fazerem os manifestos, mas com toda a veracidade, de fórma que não podessem trazer aos mercados senão os cereaes que lhes sobejassem do consumo e sementes, e impôr aos Regedores severas penas se passassem guias além das quantidades que cada lavrador podia vender. Convinha que na occasião das colheitas se mandassem empregados de confiança verificar os manifestos, pela existencia dos cereaes manifestados, e que quando se achasse dolo se fizesse logo auto circumstanciado para o Poder Judicial applicar as penas da Lei. Os povos da raia mais miseraveis são aquelles em que os manifestos são maiores — apparecem com uma colheita muito superior aos terrenos que cultivam, e aos fogos que tem — por exemplo, Loisados, povoação insignificante deste Concelho, com 15 a 20 fogos, manifestou no anno de 1849, 1:584 alqueires de serodio, 4:810 alqueires de centeio; talvez não colhesse de serodio 100 alqueires, e apparece um manifesto quinze vezes maior; o mesmo com pouca differença se póde dizer do centeio, e por conseguinte é outro tanto o que nos trouxeram de Hispanha acobertados com a Lei: é para notar que

este povo pague de decima 26$000 réis, quantia que não está por fórma alguma em relação com tal colheita.

Eguaes ao manifesto deste povo, que apontamos por ser o mais insignificante, estão todos, ou quasi todos os dos outros povos da raia, tanto neste Districto, como no de Villa Real. Para isto chamamos a attenção do Governo e das auctoridades superiores.

A proxima colheita promette ser abundante; os precos dos cereaes hão de ser infimos, para o que muito concorrerá o contrabândo — dê pois o Governo todas as providencia necessarias para o evitar — vigilancia no Douro — e ter alli nos portos fiscaes empregados de reconhecida probidade — e dando um severo exemplo no primeiro que consentir na introducção de qualquer quantidade de cereal. — Na raia, exactidão nos manifestos, e verificação destes, e applicar todo o rigor da Lei, já ao que manifestar maior numero de cereaes do que o colhido, já aos regedores e seus escrivães, que passarem guias de cereaes não manifestados, ou dos manifestados que não sejam do excedente do consumo e sementes de cada lavrador; e finalmente nas Administrações de Concelho, no Governo Civil e Alfandegas cotejar as guias que se passarem com os manifestos, para se applicarem as penas competentes a todos aquelles, que se verificar, transgrediram por qualquer forma os preceitos da Lei e instrucções respectivas.

Bragança, 2 de Julho de 1850.

HENRIQUE JOSÉ FERREIRA LIMA.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXIV.

Conselho nocturno.

372 Luiz de Mendonça, assustado pela desordem em que via os criados do Infante, e pelos brados e clamores discordes que troavam por todo o Corte-Real, subiu rapidamente as escadas do palacio, e detendo um mulato que ia correndo com um archote na mão, perguntou-lhe, qual era a causa de tão estranho tumulto.

— Mataram-no — respondeu o mulato, desprendendo o braço das mãos de Luiz de Mendonça. — Mataram-no; e nós andamos em busca dos assassinos...

— A quem mataram? — perguntou este, enfiado de susto.

O mulato, em vez de lhe responder, galgou a escada em dois saltos, e desappareceu.

Certo de que uma grande desgraça succedera, que um grande crime fora commettido na sua ausencia, Mendonça voou pelos corredores e pelas salas do palacio, em busca do Infante, por que receiava que D. Pedro tivesse sido victima de alguma nefanda vingança. Quando entrou porém na antecamara e viu Sua Alteza de pé no meio da casa, encostado á espada, e fallando em altas vozes com D. Rodrigo de Menezes, e mais dois ou tres fidalgos, o seu coração tranquillisou-se algum tanto. Para não interromper esta animada conversação, Luiz de Mendonça esperou á porta da sala, que o Infante o visse e o chamasse, para lhe ir então dar conta do que passara com a Rainha, na difficil mensagem de que fôra encarregado.

— O atrevimento do valido — dizia o Infante — já não conhece limites. Se nos não unirmos para o combater, se eu não tomar, á força se necessario fôr, o logar que me pertence como irmão e actual herdeiro d'El-Rei, o Conde de Castello-Melhor mandar-nos-ha assassinar, aqui mesmo dentro do Corte-Real.

— Socegue V. A. — atalhou D. Rodrigo de Menezes. — Este negocio é serio, muito serio; e deve ser levado com prudencia. Consulte V. A. os seus amigos: eu já mandei chamar parte dos fidalgos, a quem a tyrannia do ministro totalmente affastou do lado de El-Rei: esperemos por elles, escutemos os seus conselhos antes de tomar uma deliberação definitiva.

— As delongas nesta occasião são uma imprudencia — bradou o Infante. — Á violencia só com a violencia se resiste. El-Rei já me ameaçou com um punhal. O valido mandou matar Francisco d'Albuquerque, por que sabia que era um valente militar que o Conde da Torre, por elle tão odiado, chamara ao meu serviço: e, como não poude lograr da primeira vez o seu intento infame, hoje, agora mesmo, mandou outra vez assassinal-o covardemente aqui, dentro do meu palacio...

Um grito abafado de Luiz de Mendonça, interrompeu de subito o Infante. Voltando-se então, e dando com os olhos no amigo de Francisco d'Albuquerque, pallido, hirto, com os olhos lançando áscuas vivas de ira, a mão no punho da espada, D. Pedro proseguiu:

— És tu, Luiz de Mendonça! Já sabes o que succedeu?

— O que foi, senhor?

— Mataram-te o teu companheiro, o teu amigo! E não podemos dar com os assassinos, nem achar vestigios delles. Oh! Se os apanharmos um dia ás mãos, havemos de tirar deste crime

uma vingança que sirva de exemplo a todos os validos insolentes, a todos os infames assassinos! Até o cadaver, Mendonça, até o cadaver lhe levaram, esses monstros sem alma!

— Permita-me V. A. que vá eu proprio indagar tambem, procurar...

— É inutil. Dize-me — proseguiu o Infante, chamando Luiz de Mendonça para um canto da sala, e fallando-lhe baixo, — dize-me cá; entregas-te a carta á Rainha, minha senhora? Vistel-a? Fallaste-lhe?

— Sua Magestade, dignou-se receber-me, apesar de já estar fechada a portaria das damas. Leu a carta de V. A. e manda-lhe dizer...

— O que?

— Que El-Rei resolveu nomear gentis-homens de V. A., os fidalgos que lhe aprouver nomear, com a unica condição de desistir da primeira eleição, e de não nomear o Conde de Sarzedas.

— São embustes, são novos embustes do Castello-Melhor — bradou o Infante.

— Que ha mais de novo? — perguntou D. Rodrigo, ouvindo esta exclamação do Infante.

— Manda-me dizer a... mandam dizer do Paço — respondeu Sua Alteza — que El-Rei me concede finalmente alguns fidalgos, para servirem na minha casa. Mas é falsa a nova de certo.

— Talvez que o não seja — disse D. Rodrigo. — O Conde conhece, como homem de estado que é, as difficuldades da sua situação: luctar com o Infante, com o irmão d'El-Rei, é difficil a um ministro, se elle não souber empregar convenientemente, os meios que a experiencia e a astucia ensinam aos que lhes sabem escutar os prudentes conselhos. O valido quer encubrir a guerra com as apparencias da paz: com uma das mãos serve a V. A., e com a outra apalpa, talvez, o logar onde mais seguramente lhe póde cravar o punhal. Para inimigos taes, toda a prudencia é pouca. Comtemporisar foi a maxima de um grande guerreiro; e deve ser tambem agora a base do nosso plano de guerra nesta difficil campanha. Venceremos como venceu Fabio.

— E se fôr verdadeira a noticia, quem hei de escolher para o meu serviço, Rodrigo?

— Já disse a V. A. a minha opinião a esse respeito. Convem que V. A. se cerque de amigos seguros, e de influencia no exercito. Os quatro Condes são os fidalgos que melhor podem servir a causa de V. A.; são inimigos pessoaes do valido. O conde da Torre é mestre de campo, general da corte e provincia da Estremadura; o de S. João é governador das armas de Tras-os-Montes. O Conde de Villar-Maior é o coronel da infanteria da corte, e dispõe das forças que se acham em Lisboa.

— Mas o Conde de Aveiras?

— Esse é o regedor da casa da supplicação: precisamos ter por nós tambem os tribunaes.

Neste momento um criado veio annunciar a Sua Alteza, que grande numero de fidalgos e titulos, se achavam já reunidos no Corte-Real: e D. Pedro, acompanhado pelo seu astucioso Mordomo-Mór, immediatamente se encaminhou para a sala onde o esperavam os seus parciaes.

Era na mesma sala, em que, no dia da entrada solemne da Rainha em Lisboa, se haviam reunido os fidalgos do partido do Infante, para decidir se elle se devia ou não retirar da Côrte, que os inimigos do Castello-Melhor estavam esperando por sua Alteza. A assembléa era numerosa, e o clamor das vozes e o desordenado dos gestos, bem claro mostravam que a indignação e a colera mal podiam ali ser comprimidas pelo respeito devido ao Infante. O astuto e sagaz D. Rodrigo de Menezes, mandara chamar os nobres fidalgos do Côrte-Real «para os consultar ácerca das medidas que convinha tomar, afim de evitarem o perigo que os ameaçava a todos, e principalmente a Sua Alteza; em cujo palacio já tinham ousado entrar assassinos, mandados pelo valido; e se havia commettido naquella mesma noite um terrivel crime.»

Quando D. Pedro entrou na sala, os fidalgos foram-lhe ao encontro, para lhe beijarem as mãos, e o felicitarem de haver escapado, por mercê da Divina Providencia «á trama infame e tenebrosa que os traidores contra elle haviam urdido.» O Infante, depois de agradecer aos fidalgos, a solicitude e vivo interesse que tomavam pela sua causa, atravessou por entre elles e foi sentar-se na cadeira de velludo, collocada sobre um estrado no topo da sala, onde costumava presidir ás sessões, que os seus parciaes tinham no Côrte-Real, todas as vezes que algum grave acontecimento lhes fazia receiar as vinganças do valido, ou lhes dava esperança de o derribarem do poder.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

QUIEN NO AMA, NO VIVE.

373

. . . . . .

Pois não vês que se a luz do sol nascente
Á rosa na manhã desabroxada,
Não illumina as folhas desbotada,
Fica na haste pendente,
Sem perfume, sem vida abandonada?

Não somente se admira,
Nas obras mais gentis da naturesa,
A fórma a o que as traçára,
Com correcto cinzel, e onde imprimira
Os traços da belleza,
Mas tambem esse ideal com que animára
O seu quadro de graça e de viveza.

Dize, então queres tu que a formusura,
Que o Senhor estampou no teu semblante
Sem renome, sem gloria passe obscura,
No mundo em que radiante
Ostentar-se podia magestosa?
—Queres vel-a abatida como a rosa
Que o sol não illumina?

Pois que falta a essa frente que é tão bella?
Queres sabel-o?—O amor!
Que se anime, e reviva á luz divina,
E vê se ha nesse instante alguem que ao vel-a,
Lhe negue o seu fulgor!

25 de Junho de 1850.

R. A. DE BULHÃO PATO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

AERONAUTA A CAVALLO.

374 No domingo 7 do corrente, effectuou-se no Campo de Marte, em Paris, a ascenção aerostatica do Sr. Eugenio Poitevin, engenheiro.

Ás 6 horas da manhã começaram a encher de gaz o balão, que era immenso; ás 4 da tarde ainda esta operação não estava concluida. Posto que fizesse um vento extraordinario e de tempo a tempo cahisse chuva ás torrentes, era consideravel a concorrencia: mais de 200:000 espectadores quizeram ser testimunhas da intrepida ascenção de M. Poitevin: avaliou-se em 10,000 o numero das pessoas que pagaram entrando no Campo de Marte de carroagem, a cavallo ou a pé. No circo reservado notavam-se muitos estrangeiros, deputados, jornalistas e bastantes mulheres.

Por intervallos ouviam-se as detonações dos fogos de artificio; uma orchestra de instrumentos de latão tocava marchas, contradanças e polkas; largaram-se muitos balões de experiencia para se conhecer a direcção do vento.

A ascenção devia ter logar ás 4 horas e meia, mas eram 5 e meia e os preparativos ainda não estavam terminados; o publico, que não gosta de esperar, impacientou-se e começou a murmurar. Passearam na praça a cavalgadura em que M. de Poitevin ía fazer a sua ascenção extraordinaria e arriscada; era um cavallo branco ainda novo, pertencente a M. Pellier.

Tendo augmentado o vento, correu voz de que se não realisaria a ascenção; e muitas pessoas instaram com M. Poitevin a fim de que deixasse a viagem aerea para outro dia; temia-se que a violencia do vento occasionasse desgraça: porém, o aeronauta heroicamente corajoso, respondia com inalteravel presença de espirito: —« Annunciei para hoje a minha ascenção; heide fazel-a, dê por onde dér. » E continuava a dispôr o seu provimento, que consistia em muitos capotes, pão e outros comestiveis, e garrafas de vinho de Bordeus.

Ás 6 horas, findos os preparativos, estava já o cavallo suspenso do balão gigante por quatro cabos. M. Poitevin cavalgou como se fôra n'um cavallo que não tivesse de levantar-se do chão; e, o que parece incrivel, não havia coisa que o abrigasse ou defendesse!... Dado o signal, cortaram-se as cordas que sopeavam o balão. Houve então nos circumstantes um movimento de terror e espanto. O balão despediu-se com extraordinaria rapidez; deu a volta de pião, depois balouçou-se magestosamente no ar, e partiu como uma frécha para sueste na direcção de Fontainebleau.

O aeronauta, vestido de jockey, com sobretudo amarello, mantinha-se firme nos estribos; o cavallo, tão esperto, havia poucos instantes, voltou uma ou duas vezes a cabeça de modo triste e descoroçoado, depois não se boliu.

Os bravos e applausos atroavam os ares á vista de tão temerario feito; todos os espectadores acompanhavam com os olhos avidos o balão, que subia sempre, e por fim sumiu-se em as nuvens que obscureciam o céu.

Alguns minutos depois da partida, M. Poitevin devia subir á barquinha, por meio de uma corda com muitos nós, para dispôr a sua machina de observação, julgar da velocidade do movimento ascensorio, e moderal-o abrindo a valvula, porém, não obstante sahir o gaz com rapidez não afrouxou a principio o movimento; e o aeronauta chegou em pouco tempo á altura de 5,000 metros. Quando desappareceu aos olhos dos espectadores e entrou na região das nuvens, presenciou muitos phenomenos prismaticos produzidos pela decomposição dos raios do sol, sentiu grandissimo frio: e o cavallo deitou sangue pelas ventas, a rarefacção do ar atmospherico molestava visivelmente o animal.

O balão ainda subia, e custou muito ao viajante aéreo a estabelecer o equilibrio atmospherico. Por intervallos as nuvens lhe occultavam a terra. As suas observações o convenceram de que era tempo de preparar os meios da descida. Mediante uma corda de 30 a 40 metros de comprimento arreou a fateixa por baixo da barriga do cavallo, e tambem um saco de

areia seguro por outra corda para impedir que o animal chegasse com demasiada promptidão á terra. Apenas tinha acabado estes preparativos, o balão baixou com rapidez egual á da ascenção; mas, á medida que se avisinhava á terra, o movimento afrouxava; a final o saco de areia e a fateixa tocaram no chão. Em tempo sereno, o balão teria descido immediatamente; mas o vento soprava com tanta força que foi levado por espaço de legua e meia arrastando a ancora e saco de areia, ora a 40 metros de altura, ora a menor distancia da terra. A ancora e o saco levavam comsigo ramos de arvores, hervas e espigas de cearas que encontravam na passagem. O tronco de uma macieira foi estalado pela primeira, que arrancou ramos cobertos de pomos. Ao passar por cima de um campo de trigo, achava-se o balão a tão pequena distancia que o cavallo poude chegar a algumas espigas, que devorou avidamente.

Uma selva densa e copada veio ser novo e inesperado obstaculo para o aeronauta, que observou, não sem admiração, que o seu cavallo roia as pontas das arvores que podia alcançar. Chegou finalmente ao pé de um paúl, e tentou tomar terra nessa paragem; mas o impulso incutido ao balão pelo vento era tão forte que ficou nas mãos de M. Poitevin um ramo de carvalho a que se agarrou para fazer presa.

Felizmente chegaram muitos habitantes daquelles contornos que vinham em seguimento do balão, poderam deitar mãos ás cordas da fateixa e do saco de lastro e as amarraram a uma arvore. Logo o balão desceu no brejo, precedendo-o o cavallo, que pizou o solo sem o menor estremecimento, e todo o seu cuidado foi pascer a relva.

Despejado o aerostato, conduziram-no a Grisy n'uma carroça. A descida effectuou-se ás 7 horas e tres quartos.

« Na segunda feira era dia de festa em Grisy, aldeia junto a Brie-Comte-Robert, departamento de Sena e Marne. Os habitantes, á chegada do intrepido aeronauta, proromperam em clamores de admiração, e lhe fizeram cordialissimo acolhimento. — « Convidamo-vos para a festa (lhe diziam) e o vosso cavallo tambem. »

« M. Poitevin, instado pelas sollicitações dos camponezes, entrou na casa da dança, montado no cavallo, que teve quinhão nas honrarias desta ovação improvisada; e é ocioso accrescentar, que se lhe forneceu copiosamente a ração, em quanto M. Poitevin foi conviva dos admiradores da sua intrepidez, de que não poude separar-se antes das 11 horas e meia, que se dirigiu a Paris, montado no cavallo que a viagem aerea não fatigára muito, pois que hoje (8 de julho) ás 7 horas e meia da manhã o conduziu o aeronauta triumphante ao picadeiro Pellier. »

Pelas folhas do paquete consta que M. Poitevin fez segunda ascenção no domingo 14, indo no mesmo cavallo. Não se referem por ora as particularidades; só consta que a concorrencia era immensa no Campo de Marte, e que o aeronauta desceu junto a Meulan, obra de 20 milhas distante de Paris, onde entrou na tarde do dia 15, são e salvo, bem como o *seu cavallo*.

ESCRAVATURA BRANCA.

Com este titulo publicou o *Ecco Popular* do Porto, de 27 de Junho passado, o seguinte artigo, que deve despertar a attenção de toda a imprensa.

375 « *Escravatura em Portugal.* — Consta que o brazileiro Corrêa, morador na rua do Poço das Patas desta cidade, vai remetter para o Brazil tres pequenos negros, que creou e mandou educar, para lá serem vendidos. A educação e instrucção que deu áquelles infelizes, que para alguem parecia uma prova de humanidade, não era mais que um engodo para maior preço. Dizem que recebêra por elles um conto e quinhentos mil réis ao menos, attentas as habilidades e instrucção que teem. É preciso que as auctoridades não deixem praticar n'uma cidade civilisada um trafico tão immoral. O juiz respectivo deve nomear conselho de familia e tutor áquelles tres desvalidos orphãos. Nós ficamos de atalaia, e não deixaremos perder de vista estas tres victimas da sordida avidez de um falso protector. »

Não lhe acrescentaremos coisa alguma. Deixamos a responsabilidade do facto ao Jornal, e á respectiva auctoridade. Ácerca do que se passa em Lisboa, a este respeito alguma coisa se poderia accrescentar, e a policia, se cumpre o seu dever, o deve ter feito saber ao governo.

Um indicio basta para demonstrar o que a este respeito se passa.

Vivem em Lisboa bastantes pretos e pretas, mas raro, rarissimo será encontrar preto rapaz que passe dos seis a nove annos.

Como elles desapparecem é facil de adivinhar.

THESES.

376 Havia annos que a Universidade de Coimbra se não abria, para defesa de theses.

No dia, 11 na presença de grande numero de pessoas, que occupavam as janellas que dão para a sala dos capellos, defendeu theses na faculdade de direito o Sr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro. No dia anterior as tinha defendido em theologia, o Reverendo João Chrisostomo de Amorim Pessoa.

É opinião geral que o Sr. Dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto se houve digna e intelligentemente na presidencia das theses de direito.

NOVOS DRAMAS.

377 Annunciam os jornaes francezes, que Felix Pyat vae fazer representar em Lausanna, onde se acha refugiado desde 13 de junho de 1849, uma grande obra dramatica de sua composição, *O Medico de Nero*: — e que a nova opera de MM. Scribe e Adam, que o publico esperava anciosamente sob o titulo de *Giralda*, tomará definitivamente o titulo de *Nova Psyche* com que primeiro fôra designada: contava-se qu

ficaria prompto o espectaculo para o fim de junho ou começo do mez actual.

FONTE DE FOGO.

Le-se nos *Annales des Chemins de Fer:*

378 « O espirito de investigação que caracterisa a nosse nação applica-se ha muitos annos a descobrir novos meios de illuminação e de aquecer fogões pelo preço mais barato. A maior parte das tentativas neste genero tem versado sobre melhoramentos já no fabrico dos gazes, já nos apparelhos destinados a queimar os combustiveis de toda a casta usados até agora. Dahi resultou aperfeiçoar-se o emprego das differentes substancias graxas, dos oleos, das lenhas, do carvão e do coke. Mas ninguem se havia lembrado de um methodo que dispensasse todas estas substancias.

Um tal problema, que parece insoluvel á primeira vista, acaso poderá resolver-se pelo emprego do *hydrogenio puro extrahido* da agua? O futuro nos esclarecerá com brevidade, porque com este gaz se fazem serias experiencias em Inglaterra. Se estas forem tão favoraveis como se espera, acontecerá vir a ter cada officina, cada casa, a sua fonte de fogo, como póde ter encanamento de agua. Para aquecer uma sala todos os apparatos e utensilios actuaes de chaminé e de fogão.

Supponhamos por um momento que o hydrogenio puro extrahido da agua, possa dar-se por baixo preço; nada mais facil do que applical-a a todos os usos domesticos. Um encauamento de tecido impermeavel conduziria este gaz ao interior das habitações, dividindo-se em muitos ramaes que iriam parar á cosinha e aos diversos quartos. Bastaria um bico para dar calor de um modo permanente e regular a cada camara da casa.

Este methodo não teria sómente vantagem de ser mui simples, facil e inoffensivo para a saude e para os ornatos do interior das casas; seria, além disso, muito economico, porque approveitaria a massa de calorico que é absorvida e perdida pela chaminé ordinaria.

A *fonte de fogo* constituiria um verdadeiro progresso, porque seria a realisação de uma das condições essenciaes do modo de viver barato.

Quem não vê os immensos beneficios que resultariam aos operarios, ás familias pobres, que sobre tudo carecem de economisar o tempo, seu capital unico! Um simples fio da fonte maravilhosa lhe forneceria instantaneamente o calor necessario para cozerem seus alimentos e para todos os outros usos domesticos. — Nada de tempo perdido para accender e aquecer a fornalha: — uma rodela concava, perforada de buraqninhos, collocada no fundo das fornalhas onde viesse o gaz, daria pela simples evolução de uma torneira a chamma no gráu que se pertendesse desde a temperatura do banho-maria até o calor mais intenso!!

PROCISSÃO DE PENITENCIA.

379 Continuam a edificar os povos das dioceses do Porto e Braga as mui piedosas procissões de penitencia, por meio das quaes se implora da Misericordia Divina o acabamento da peste, que tem devastado o imperio do Brazil. O *Jornal da Sociedade Catholica* lembra acertadamente ao Sr. Patriarcha os reparos que póde excitar a continuação da indiferença, com que a Diocese de Lisboa tem visto esses grande exemplos de fé religiosa.

ESTRADA DA MEALHADA.

380 Em o *Observador* de 16 do corrente, jornal de Coimbra, encontramos os seguintes esclarecimentos, pelos quaes o referido jornal se responsabilisa, ácerca da estrada da Mealhada, que o Governo mandára abrir até Vizeu.

« Até ao fim de Junho do corrente anno se concluiram na estrada de Vizeu a Coimbra 2.728 braças, das quaes 960 são abertas com muito custo na serra do Bussaco. Existem 686 braças em construcção das quaes não pertencem ao difficil trabalho da serra.

Tem-se construido muitos e despendiosos cannos, os quaes são mui solidos para supportarem o grande pezo das aguas que ahi se juntam em occasião de trovoada. A despeza para estas obras, incluindo as expropriações, trabalhos preliminares e pessoal technico, orça por 6.200$000 réis, regulando cada braça sómente por 2:000 réis. O que fica exposto prova que a obra se tem feito com acerto e economia. »

HOSPITAL DO TERÇO E CHARIDADE.

381 Mais uma prova do espirito charidoso do Porto, podemos hoje registar nas nossas columnas.

Foi aberto nessa cidade o Hospital do Terço e Charidade.

O aceio e a boa ordem do estabelecimento mereceram os louvores de todos os visitantes.

No cemiterio estiveram patentes os retratos dos bemfeitores da ordem, a maior parte dos quaes ahi jaz.

É um bello e triste pensamento o expôr, ao pé dos restos esquecidos do homem, a memoria viva da sua charidade.

DESASTRES RECENTES.

382 O vapor *Canadá* sahido de Nova-York a 25 de Junho, trouxe á Europa a noticia de que em 4 de Maio fôra devorada por um incendio mais da terça parte da cidade de S. Francisco da California: avalia-se a perda em mais de dez milhões de cruzados, Attribue-se o fogo á malignidade de algum perverso; prometteu-se o premio de 5,000 pezos fortes a quem descobrir o incendiario.

O famoso templo de Mormons, nos estados da União americana, ou para melhor dizer, a parte que ainda ficou de pé depois do incendio de 1848, foi destruida

por um furacão horrivel em a noite de 27 de Maio. O edificio havia sido comprado pela colonia icaria de M. Cabet, que tinha começado obras para restaura-lo, e que se vê obrigada agora a renova-las, no que parece que já ficavam trabalhando.

De Bombaim chegaram, por via de Alexandria e Malta, cartas de 25 de Maio, que referem o fatal accidente succedido em Benarés, no qual perderam a vida mais de mil pessoas pela explosão de trinta barcos carregados de polvora e munições. Ancoraram á hora do meio dia proximamente ao palacio que fica no centro da cidade, no sitio, que segundo parece, occupam ordinariamente as embarcações daquella especie. Ás dez horas viu-se rebentar instantaneamente de um barco uma chamma que foi seguida de horrorosa explosão, a qual se ouviu a 10 milhas de distancia. Os barcos foram anniquilados, houve casas arrancadas dos alicerces: ficaram logo mortas 420 pessoas, e crê-se que a lista dos mortos e feridos não inclue menos de 1,200.

PERDAS DO THATRO LYRICO NO BRAZIL.

383 A epidemia devastadora tambem sumiu nas sombras do tumulo muitos artistas distinctos da companhia lyrica italiana, que brilhava no theatro de S. Pedro de Alcantara. Benatti, Brunacci, Costa, Spotorno e outros falleceram em poucos dias; tambem não poupou o flagello os dois mais affamados cantores que ouviu a capital do Brazil, Piccozzi e Tagliabue,

O theatro abriu-se novamente no principio de Maio; mas, (conforme as expressões do *Jornal do Commercio* de 19) ou fossem ainda restos do terror causado pela epidemia, ou fosse a falta de alguma novidade que chamasse a concorrencia e despertasse o enthusiasmo, o certo é que nas primeiras noites o salão esteve abandonado e triste.

«Por outro lado, a companhia ficara tão reduzida que em verdade a não ser a Sr.ª Ida, e ainda o Sr. Tati, nenhum outro incentivo havia para convidar os amadores, porque a Sr.ª Candiani, cuja voz melodiosa e sympathica tanto deleitou outr'ora o publico fluminense, hoje é apenas uma sombra amortecida do que foi, é o echo fugitivo de um som que ha muito se ouviu.»

HONRA E PROVEITO.

384 O celebre pintor contemporaneo, Horacio Vernet, acaba de recolher á sua patria da viagem á Russia, onde achou o mais lisongeiro acolhimento. No momento de partir lhe entregou o imperador Nicoláu a quantia de 500:000 francos (oitenta contos de réis) em paga de suas obras e abraçou-o com a maior cordialidade.

Foi á Russia pintar as batalhas dadas pelos russos contra os que proclamavam a independencia da Hungria: como já tinha feito pela guerra da Polonia em 1830.

PROPRIEDADE LITTERARIA.

385 Que é isto?

Um jornal probo e accreditado, com quatro redactores no frontespicio do seu volume III, quer tomar carta de corso e armar-se em pirata litterario?

É impossivel.

A publicação da *Biographia* de Manuel Bernardes, reproduzida sem venia de especie alguma na *Revista Popular* n.º 16, e extrahida da *Livraria Classica* dos Srs. Castilhos, não é por certo um roubo litterario, a auctor vivo e pobre, mas deve ser o mais extraordinario e fatal erro typographico que se tem feito.

Para credito de um jornal que estimamos, assim o queremos acreditar.

NECROLOGIO.

Silverio Taibuer.

386 É com o mais profundo respeito, que nos aproximamos dos ultimos restos de Silverio Taibner.

A sepultura que recorda a intelligencia, o trabalho e a honra, é uma sepultura para a qual se póde apontar, como sendo uma licção e um exemplo.

Uma das maiores glorias do mundo, é o avistar do leito de oiro, em que se expira, o pobre e mesquinho berço dos primeiros dias da infancia, podendo dizer no ultimo alento — eis alli o meu brazão, o que eu quero que os meus parentes gravem na memoria!

E esta gloria pertence inteira ao filho de um dos primeiros operarios da fabrica da Marinha, que em tenra edade passou a primeira noite que residiu em Lisboa como pobre, que era, e que na ultima da existencia, testou a bem de seus parentes, e amigos, a avultada fortuna que dignamente ganhara, na sempre honrosa carreira commercial.

Depois do terremoto de 1755, El-Rei D. José estabeleceu no sitio da Marinha Grande, junto a Leiria, uma fabrica de vidros, por meio do emprestimo de 80 mil cruzados, feito a Guilherme Stephens para ser pago sem limite de tempo, e em cal, procedente dos fornos, que o emprezario tinha erigido nas pedreiras de Alcantara.

Entre as pessoas que trabalhavam na fabrica, se contava, Antonio Taibner casado com Maria Joaquina.

São estes os nomes obscuros a que deu realce seu filho, Silverio Taibner, nascido na Marinha a 10 de Agosto de 1744. Mal podia prever o moço Silverio, nos seus primeiros annos de vida, ao vêr a laboração da fabrica, que um dia grossos capitaes, fructo do seu trabalho, o habilitariam para ser um dos arrendatarios dessa fabrica.

Veio procurar boa sorte para Lisboa, e se vinha pobre de bens da fortuna, vinha rico com o dezejo de trabalhar e de ser honrado.

Entrou no tracto commercial por essa porta escusa, onde por vezes o marçano entra, com os olhos vendados pelas lagrimas que chora pela terra em que nasceu, e pela familia que deixou, sem avistar o portico sumptuoso de um futuro brilhante e prenhe de riquezas.

Foi caixeiro, e ao principio da sua vida, corres-

pondeu o fim — morreu negociante, sem que nenhum titulo, fasendo esquecer a historia honrosa que estes dois vocabulos abrange, apagasse o brilho verdadeiro da vida, que por si nobremente se engrandeceu.

Na pratica do commercio, o trabalho e a honra apressam a chegada dos dias da independencia, mas não improvisam o futuro. Silverio Taibner de caixeiro passou a ser guarda livros de Jacintho Fernandes da Costa Bandeira, pelo qual foi encarregado, em diversas praças, de negociações importantes que realisou satisfactoriamente.

Em 1812 sahiu da casa de Bandeira, e estabeleceu a fabrica de vidros ainda hoje existente na Rua das Gaivotas. Depois foi socio com o Sr. Conde de Farrobo e Visconde das Picoas, na fabrica da Marinha Grande, da qual hoje é arrendatario seu digno sobrinho, o Sr. Manuel Joaquim Affonso. Foi director do Banco de Lisboa, na sua fundação, socio e caixa do Contracto do Tabaco, que findou em 1833, director da Companhia União Commercial, e fortemente interessado na Companhia das Lezirias, nas Minas do Carvão de Pedra e na Ponte Pensil do Douro.

Por esta fórma, o caixeiro de outro tempo, havendo acreditado o seu nome se transformou em um dos mais respeitaveis negociantes da praça de Lisboa.

Não só ganhou fortuna, mas soube adquirir variada instrucção, que muitas vezes deu ao seu voto bastante valor em assumptos importantes, sobre os quaes era consultado.

Foi esmoler, conforme o Evangelho, por virtude e não por ostentação. — E os beneficios que fazia á pobreza, foram revelados pelas lagrimas de infelizes, que se derramaram sobre a sua sepultura. Pelo pranto deram elles a conhecer o pae que os adoptara, ao serem engeitados pela fortuna do mundo.

Ao cabo de larga doença, que padeceu resignado, morreu como christão, no dia 19 do corrente pela uma hora da noite. No dia 20 foi depositado com merecida pompa e cortejo de bons amigos, em o Cemiterio dos Prazeres, no jazigo dos Srs. Ferreira Pinto, em quanto não vae jazer para a funebre e ultima morada, que seus saudosos sobrinhos e herdeiros lhe mandaram erigir.

Nesse tumulo, um só nome póde resumir a historia da vida honrada e illustre pelo trabalho, que deve ser recordada por muitos, como licção, e por todos como bello e não vulgar exemplo.

As saudades dos parentes e amigos, que soube estimar, e as lembranças dos pobres a quem soccorreu, são o ultimo e triste adeus, que o mundo lhe envia, para a mansão eterna em que descança em paz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NOVA PUBLICAÇÃO.

387 O Sr. Dr. Basilio Alberto de Sousa Pinto publicou em Coimbra, uma Memoria sobre a fundação e progresso do Real Collegio das Ursulinas de Pereira — ao presente estabelecido em Coimbra. Informam-nos que o assumpto é digno do auctor e de muita vantagem em relação ás necessidades da educação, que tão vantajosamente se adquire nesse acreditado Collegio.

MERCADO DE LOANDA.

388 Da lista de preços inserta no *Boletim Official de Angola* de 25 de Maio transcrevemos o seguinte.

Havia falta de mercado dos seguintes generos, que se vendiam pelos preços que vão cotados.

Armas reunas	uma	5$000 réis.
Baetas	cov.	$600 »
Carne ensacada	arr.	14$000 »
Coral falso	maço	5$500 »
Lenços de Carruthers de 10	peça	1$200 »
Ditos de dito de 12	»	1$400 »
Ditos de dito de 15	»	1$800 »
Ditos de Soturumaes de 10	»	
Ditos de dito de 15	»	1$800 »
Ditos de dito de 12	»	
Missanga		$800 »
Pintados azues	peça	4$000 »
Sal do reino	czg.	$400 »
Tabaco em rolo	arb.	5$000 »
Taboado de 30 pal. e 1½ pol.		30$000 »
Vélas de stearina	lib.	$800 »
Vinho	pipa	100$000 »
Zuartes de Benguella 2.ª sorte	peça	$
Ditos de dita 1.ª dita	»	$
Ditos inglezes 1.ª dita	»	$
Ditos ditos 2.ª dita	»	$

Os preços dos principaes generos de exportação eram os seguintes:

Caffé	arb.	3$500 »
Cêra branca	lib.	$325 »
Dita amarella	»	$300 »
Coiros	»	$100 »
Gomma copal	arb.	2$100 »
Marfim de lei	lib.	1$350 »
Urzella	arb.	1$800 »
Dita em Benguella	»	1$500 »

Entraram no dia 23. — Brigue portuguez *Triumphante*, 256 toneladas, mestre A. D. de Carvalho, 19 pessoas de tripulação, e 8 cabindas, 2 peças, dos portos do sul, e ultimamente de Benguella em 3 dias, com urzella, cêra, gomma, e marfim, 2 malas e 2 officios. Passageiros 5, E. A. de Paiva Pereira, portuguez; Jorge, criado; Marianna, Roza, e Justiniana, escravas.

Ficaram fundeados em Benguella a escuna *Nimpha*, brigue *Luiza*, brigue *General Rego*, barca *Flor de Amizade*, vinda da Bahia, e uma barca vinda de Gôa com escalla por Moçambique.

O Redactor da REVISTA agradece, aos Chefes dos principaes estabelecimentos fabris da capital, a prova de consideração que lhe dirigiram, por meio de uma declaração collectiva, que, hoje 24 de julho, publicaram no *Estandarte*.